

## Resenha Bibliográfica

**GALBRAITH, John K.** O Pensamento Econômico em Perspectiva: Uma História Crítica. Tradução de **Carlos A. Malferrari**. São Paulo, Editora Pioneira/EDUSP, 1989, 189 p.

EDUARDO GIANNETTI DA FONSECA

J. K. Galbraith é um autor prolífico e popular. Seus livros são escritos em linguagem coloquial, não exigem uma dose maior de conhecimento prévio especializado e costumam fazer parte da dieta básica de leitura de amplos segmentos do público com algum interesse em assuntos econômicos. Tratam-se, em geral, de obras de divulgação e comentário informal, voltadas para o estudante de graduação e o grande público leitor, mas escritas por um autor com profunda experiência na vida pública norte-americana e que goza, o que é mais raro, de livre trânsito nos meios acadêmico (foi presidente da American Economic Association), empresarial e político. A crítica contundente – e a recusa prática – da *armchair economics* são notas constantes na trajetória intelectual de Galbraith. E é a partir dessa perspectiva que ele reconstrói a história do pensamento econômico.

No seu novo livro, publicado originalmente em 1987, ele oferece uma visão panorâmica de mais de 2 mil anos de pensamento econômico, no período que vai de Aristóteles até a ascensão e queda do grande consenso Keynesiano no pós-guerra. O esquema temporal da narrativa assemelha-se à forma de um cone – os capítulos sucessivos abrangem, inicialmente, épocas inteiras (Antiguidade, Idade Média, Mercantilismo), depois séculos (Iluminismo, Economia Clássica) e, por fim, décadas e tópicos de interesse corrente. A segunda metade do trabalho é dedicada ao século XX, ficando o terço final reservado para uma discussão em torno dos fatores que, já nos anos 70, teriam levado ao de-

---

*O autor é professor da FEA/USP e pesquisador da FIPE.*

clínio do keynesianismo e à ascensão do monetarismo da escola de Chicago. Como ele afirma, foi aí que, pelo menos no tocante à formulação da política econômica norte-americana, “a era de John Maynard Keynes cedeu lugar à era de Milton Friedman” (p. 247). Nos dois capítulos finais, Galbraith faz um esforço prospectivo, apresentando considerações normativas sobre o futuro da Economia e sobre os rumos da economia mundial.

Ao reconstruir a história do pensamento econômico, Galbraith adota uma perspectiva marcadamente “externalista” Como explicar as mudanças na teoria econômica ao longo do tempo? Alguns autores, como por exemplo J. Schumpeter, G. J. Stigler ou M. Blaug, acreditam que as mudanças resultam essencialmente de fatores **internos** à própria ciência econômica e ligados à lógica da pesquisa teórica. Não é necessário fazer qualquer referência à história da economia real para entendermos a evolução da teoria econômica moderna.

Mas essa claramente não é a posição de Galbraith. Para ele, a resposta está em fatores **externos** à Economia como disciplina acadêmica. Sua idéia básica – seguindo de perto, nesse ponto, a orientação de historiadores de idéias como P. Deane, M. Dobb, D. Winch e A. K. Dasgupta – é a de que a evolução da teoria econômica só pode ser devidamente compreendida à luz da história econômica do período, ou seja, dos problemas econômicos concretos (e. g. desemprego, inflação, pobreza, estagnação etc.) enfrentados pela sociedade e que demandam diagnósticos e soluções. A preocupação constante de Galbraith, ao longo de toda a obra, é no sentido de resgatar o contexto prático – as questões concretas e urgentes – que teriam levado os economistas de diferentes gerações a rever os pressupostos, raciocínios e conclusões de seus antecessores.

Dentro dessa abordagem externalista, o principal motor da mudança a nível das idéias econômicas predominantes seriam, antes de mais nada, as adversidades e dificuldades vividas pela sociedade – o que Marshall chamava de “o problema da época” Na Economia, assim como em outras áreas, a necessidade é a mãe da invenção. E as épocas de crescimento e otimismo, ao contrário, como por exemplo a “Grande Prosperidade” do pós-guerra, tenderiam a levar os economistas a “relaxarem e descansarem sobre os seus próprios louros, merecidos ou não. Em não havendo qualquer problema grande ou urgente, não se enfrenta nenhum” (p. 233).

Mas embora a nova contribuição de Galbraith para a história do pensamento econômico seja certamente mais profunda, rigorosa e sistemática do que *A Era da Incerteza* (a série de TV da BBC inglesa que foi transformada em livro de grande sucesso em 1977), ela é ainda uma obra desigual, voltada antes para a divulgação e entretenimento do que para os pesquisadores trabalhando na área, e que termina ficando, no conjunto, bem aquém de outras

obras e manuais abordando a evolução da Economia a partir de uma perspectiva externalista.

A principal deficiência do livro, a meu ver, reside na falta de pesquisa original sobre o pensamento dos economistas discutidos. O trabalho baseia-se extensivamente em literatura secundária sobre o assunto, e até mesmo boa parte das citações dos autores sendo investigados é retirada dos comentadores (e não das obras originais). Pior, a literatura secundária utilizada está longe de representar o que existe de mais especializado e atual sobre cada autor. Como qualquer outra área em Economia, a história das idéias é hoje, para o bem ou para o mal, um campo de investigação altamente especializado. Galbraith, contudo, não parece esforçar-se – ou interessar-se – em acompanhar a pesquisa propriamente acadêmica que vem sendo feita nessa área.

Esse problema compromete especialmente a primeira metade do livro, e em particular a discussão sobre o que ele chama de “A Grande Tradição Clássica” – uma categoria que inclui não só toda a produção intelectual do século XIX entre Adam Smith e John Stuart Mill, mas também o pensamento neoclássico (Jevons, Walras, Menger e Marshall). É difícil, por exemplo, aceitar a tranqüila superficialidade com que Galbraith trata – e descarta – a questão da passagem da Economia Clássica Inglesa para a Economia Neoclássica, limitando-se basicamente a afirmar que o surgimento desta, no terço final do século XIX, “*não reflete uma mudança básica de substância*” em relação ao que havia antes (p. 80-81). O pensamento neoclássico como um todo, vale dizer, é sumariamente resumido em menos de cinco páginas. E mesmo a discussão sobre as teorias e propostas normativas dos economistas clássicos ingleses acaba, com freqüência, vulgarizando ou distorcendo em boa medida o pensamento desses autores. (Compare-se por exemplo, a esse respeito, a notável contribuição de L. Robbins em *A Teoria da Política Econômica na Economia Clássica Inglesa* (1952)).

Felizmente, no entanto, o livro tende a melhorar substancialmente na segunda metade, à medida que nos aproximamos do período mais recente e Galbraith passa a discutir – muitas vezes com base na sua própria experiência e observação direta – os acontecimentos das últimas décadas. O ponto alto do trabalho, acredito, é a identificação detalhada dos vínculos entre o mundo da política, setor privado e meio acadêmico nos Estados Unidos no pós-guerra, em particular na formulação do *Employment Act* de 1946 (que trouxe a política de emprego para a agenda do Governo Federal), e na criação e funcionamento do *Council of Economic Advisers* que assessora a presidência da Administração Federal norte-americana (cap. 19).

Numa das passagens mais interessantes e dignas de registro do livro (p. 230-231), Galbraith mostra até onde chegaram o prestígio popular e a autoconfiança – obviamente infundados, como logo ficaria claro – da macroeconomia

keynesiana nos anos 60, depois de mais de duas décadas de pleno emprego, estabilidade de preços e crescimento ininterrupto. “Os economistas”, assinala Galbraith, “inclusive aqueles que ocupavam cargos proeminentes, receberam todo o crédito pelo feito. E esse crédito, sem maiores relutâncias, foi aceito. Em janeiro de 1969, quando o *Employment Act* chegava ao seu 22º ano de vigência, o *Council of Economic Advisers* foi levado a refletir sobre suas realizações passadas. A grandiloquência da sua autocelebração merece ser reproduzida em detalhes” Galbraith reproduz então um trecho memorável do Relatório apresentado naquele ano pelo *Council of Economic Advisers*, e que constitui, sem dúvida, uma das mais extraordinárias evidências de “hubris científica” perpetrada por economistas em toda a história da disciplina:

*“A Nação atinge seu 95º mês consecutivo de avanço econômico. Tanto em seu vigor quanto em sua duração, esta prosperidade não encontra paralelos em toda a história. Nós conseguimos eliminar inteiramente as recessões cíclicas da economia que durante tantas gerações nos desviaram repetidamente do caminho do crescimento e do progresso. (...) Já não encaramos a nossa vida econômica como uma inexorável sucessão de altos e baixos. Já não tememos que automação e progresso técnico irão roubar os empregos de nossos trabalhadores ao invés de ajudar-nos a atingir uma abundância ainda maior. Já não consideramos a pobreza e o desemprego como presenças permanentes em nosso cenário econômico. Desde a aprovação histórica do *Employment Act* em 1946, a política econômica tem sabido reagir tão logo soa o alarme contra o incêndio de uma recessão ou de um boom. Na década de 1960, nós adotamos uma nova estratégia para combater esse incêndios – salvaguardando a prosperidade e afastando de nós qualquer recessão ou inflação séria, antes que pudessem se alastrar. (...) Simultaneamente, alicerces sólidos foram estabelecidos para que o crescimento prossiga nos próximos anos [Economic Report of the President (Washington, 1969, p. 4-5)]”*

Obviamente, bastaram apenas poucos anos para alterar profundamente esse quadro e dar um novo – e inesperado – significado a afirmação como estas. Em 1976, na 10ª edição de seu influente manual de economia *Economics*, P. Samuelson iria ver-se constrangido a alterar certas passagens de seu livro, já que a excessiva confiança nas políticas macroeconômicas prescritas havia se tornado patente. Mais alguns anos e seria a vez de Friedman declarar (em 1983): “Se a política seguida pelo *Federal Reserve* é monetarismo, então eu não sou monetarista” (p. 247).

Em suma, acredito que o verdadeiro mérito do trabalho de Galbraith reside não tanto naquilo que ele nos diz sobre o pensamento teórico e as conquistas analíticas dos grandes economistas do passado, mas sim na forma como ele procura – e em boa medida consegue – explicitar as ligações, no período mais recente, entre a teoria econômica e o contexto prático em que ela surge, bem como suas conseqüências, muitas vezes não-intencionais, sobre o processo de tomada de decisões e a política econômica.

# Aos colaboradores da REE

## 1. Natureza das colaborações

A Revista Estudos Econômicos aceita trabalhos de autores brasileiros e estrangeiros, na área de Economia, desde que inéditos. Poderão ser apresentados originais em inglês, francês e espanhol, que serão traduzidos sob nossa responsabilidade.

O Conselho Editorial da REE decidirá sobre a publicação, a partir da profundidade e pertinência do trabalho.

## 2. Apresentação dos Originais

Serão aceitos originais que não ultrapassem a extensão de 50 laudas ou folhas de papel ofício, numeradas, datilografadas de um único lado, em espaço duplo e em 1.º via. Os originais deverão conter um resumo, em inglês e português, de 100 a 150 palavras, título e nome do autor, seguidos da qualificação profissional do mesmo ou de outras menções feitas pelo autor à obra. O uso de letras gregas em equações deve ser evitado, particularmente como expoentes, índices e subíndices. Também devem ser evitados os sinais circunflexo, barra, til e ponto sobre variáveis.

## 3. Ilustrações

Tabelas e gráficos devem ser apresentados em papel branco, com as respectivas legendas datilografadas e fontes completas, acompanhadas da indicação de sua localização no texto. Caso não haja essa indicação, a REE decidirá sobre a localização dos mesmos.

## 4. Citações Bibliográficas

A citação bibliográfica deverá ser indicada, no corpo do texto, apenas pelo sobrenome do autor citado, em maiúsculas, pelo ano da obra e número da página citada, tudo entre parênteses. Ex: (SILVA, 1982, p. 5). As referências completas das obras citadas deverão ser reunidas em lista no final do texto. Notas de rodapé servirão exclusivamente para observações adicionais ao texto.

## 5. Referências Bibliográficas

As referências bibliográficas deverão ser reunidas no fim do texto, em ordem alfabética, de acordo com a NB-66 da ABNT, observando-se o seguinte: no caso da citação de livros, nessa ordem, deverão ser fornecidos os elementos — autor, título completo, n.º da edição, local, editora, ano da publicação, número de páginas, nome da série ou coleção a que pertence e número com o qual consta na mesma; no caso de artigos de revistas — autor, título do artigo, número do volume e das páginas do artigo, mês e ano da publicação. Só deverão ser incluídos os trabalhos que tenham sido utilizados para a preparação do artigo.

## 6. Resenhas e Registros

A REE publicará resenhas de livros, artigos e trabalhos. Estas deverão seguir as mesmas normas de apresentação de originais e sua extensão deve ser de 5 a 10 laudas ou folhas de papel ofício. Caso não sejam aceitas pelo Conselho Editorial, as resenhas entregues podem ser requisitadas pelos respectivos autores. A REE também registrará lançamentos de quaisquer editoras, desde que lhe seja enviado pelo menos 1 volume desses lançamentos.

## 7. Separatas

As provas tipográficas não serão enviadas ao autor. O mesmo receberá 5 exemplares de cada volume no qual seu artigo for publicado, além de 30 separatas.

# pesquisa e planejamento econômico

Volume 19  
abril 89  
número 1

---

## SUMÁRIO

- Quais são as perspectivas para a reforma agrária? – Hans P. Binswanger e Miranda Eigin.
- Moratória Interna, dívida pública e juros reais – Maria Silva Bastos Marques e Sérgio Ribeiro da Costa Werlang.
- Política cambial e superávit comercial – Hélio César Bontempo.
- Inércia e coordenação – Gustavo H. B. Franco.
- Demanda derivada de energia no transporte de passageiros – Newton de Castro.
- Decomposição dos efeitos da intensidade energética no setor industrial brasileiro – Ronaldo Serôa da Motta e João Lizardo de Araújo.
- Financiamentos públicos para projetos de pesquisa e desenvolvimento: uma experiência de avaliação na Finep – Luis Otávio Façanha, Denise A. Rodrigues e Antonio José R. Dias.
- Reestruturação industrial, mudança tecnológica e planejamento do desenvolvimento metropolitano – Luiz Soares-Villa.
- Impacto da educação na pequena produção agrícola em Minas Gerais – Adayr da Silva Ilha e João Eustáquio de Lima.
- “Comércio exterior e distribuição de renda: o caso brasileiro” – uma nota bibliográfica – Benedict J. Clements e Kwan S. Kim.
- Reforma agrária, resenha de “Agrarian reform in contemporary developing countries”, ed. por Ajit Kumar Ghose – Guilherme Dias.

---

revista do  
**INSTITUTO DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO E SOCIAL**

Os pedidos de assinatura devem ser enviados à:  
Av. Pres. Antônio Carlos, 51, 14º and.  
20.020 – Rio de Janeiro – RJ

---

# Revista de Economia Política

---

ISSN-0101-3157

*Revista de Economia Política, vol. 9, nº 2, abril-junho/1989*

## ARTIGOS

O Investimento Direto Estrangeiro em uma Nova Estratégia Industrial

*Winston Fritsch/Gustavo H. B. Franco*

Salvaguardas, *Dumping* e Subsídios: A Perspectiva Brasileira

*José Tavares de Araújo Jr./Leane Cornet Naidin*

As Funções IS-LM e a "Neoclassização" do Pensamento de Keynes

*Luiz Antonio de Oliveira Lima*

A Lei do Valor e a Crise do Nosso Tempo

*João Antonio de Paula/Fernando Damata Pimental*

Preços de Fatores e Desemprego Rural no Brasil – Um Exame Crítico de Abordagens Neoclássicas

*Charles C. Mueller*

Mecanismos de Redução da Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento

*Arno Meyer/Maria Sílvia B. Marques*

A Economia Mundial em 2010 e a Revolução dos Serviços

*Carlos Alberto Primo Braga*

## ARTIGO-RESENHA

Hyman Minsky: Uma Visão da Instabilidade a partir de Keynes

*Renato Perim Colistete*

## COMUNICAÇÕES

A Distribuição de Renda no Brasil em 1985, 1986 e 1987

*Rodolfo Hoffmann*

## DOCUMENTOS

Plano Verão

PT: Plano Econômico Alternativo de Emergência

## RESENHAS

Lourdes Sola (org.), Paul Singer, Brasílio Sallum Jr., Amaury Bier, Leda Paulani e Roberto Messemberg, *O Estado da Transição: Política e Economia na Nova República*.

Paulo Nogueira Batista Jr., *Da Crise Internacional à Moratória Brasileira*

Pedro Dutra Fonseca, *Da Hegemonia à Crise do Desenvolvimento – A História do BRDE*

Maurício Barata de Paula Pinto, *Comércio, Crescimento e Distribuição. Ensaio Sobre Estruturas Assimétricas*.

---

---

Revista de  
**Economia  
Política**

---

---

ISSN-0101-3157

*Revista de Economia Política, vol. 9, nº 3 (35), julho-setembro/1989*

ARTIGOS

Imposto Inflacionário: Uma análise para a economia Brasileira

*Fernando Maida Dall'Acqua.*

Hiperinflação na América Latina

*Eliana A. Cardoso.*

Novos Padrões Tecnológicos, Competitividade Industrial e Bem-Estar Social:  
Perspectivas Brasileiras.

*José Ricardo Tauile.*

Tratamento da Correção Monetária dos Juros da Dívida Interna

*Sílvio Rodrigues Alves.*

A Epistemologia da Transformação – Uma Crítica ao Neo-ricardianismo

*Cláudio Contijo.*

Sobre a Crise do Estado Brasileiro

*José Luiz Fiori*

O Caráter Cíclico da Intervenção Estatal

*Luiz Bresser Pereira.*

A Dynamic Approach to the Theory of Effective Demand

*Anwar Shaikh*

RESENHAS

Luiz Bresser Pereira e Yoshiaki Nakano, *The theory of Inertial Inflation: The Foundation of Economic Reform in Brazil and Argentina.*

José Márcio Rego (organizador), *Aceleração Recente da Inflação.*

John Kenneth Galbraith e Stanislav Menshikov, *Capitalismo, Comunismo e Coexistência: De um Passado Amargo a Esperanças Melhores.*

# PENSAMIENTO IBEROAMERICANO

## Revista de Economía Política

Revista semestral patrocinada por el Instituto de Cooperación Iberoamericana (ICI) y la Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). Programa patrocinado por el Quinto Centenario del Descubrimiento de América.

**Junta de Asesores:** Presidente: Aníbal Pinto. Vicepresidente: Angel Serrano. Vocales: Rodrigo Botero, Fernando H. Cardoso, Aldo Ferrer, Enrique Fuentes Quintana, Celso Furtado, Noberto Conzález, David Ibarra, Enrique V. Iglesias, José Matos Mar, Francisco Orrego Vicuña, Manuel de Prado y Colón de Carvajal, Luis Angel Rojo, Santiago Roldán, Gert Rosenthal, Germánico Salgado, José Luis Sampedro, María Manuela Silva, Alfredo de Sousa, Maria C. Tavares, Edelberto Torres-Rivas, Juan Velarde Fuentes, Luis Yáñez-Barnuevo. Secretarios: Andrés Bianchi, José Antonio Alonso.

**Director:** Osvaldo Sunkel

**Director Adjunto:** Vicente Donoso

**Secretario de Redacción:** Carlos Abad

**Consejo de Redacción:** Carlos Bazdresch, A. Eric Calcagno, José Luis García Delgado, Eugenio Lahera, Augusto Mateus, Juan Muñoz.

Número 15

Enero-Junio 1989

### SUMARIO

EL TEMA CENTRAL: "NUEVOS PROCESOS DE INTEGRACION ECONOMICA"

#### ENFOQUES GLOBALES

● **Gert Rosenthal:** Repensando la integración ● **Rudiger Dornbusch:** Los costes y beneficios de la integración económica regional. Una revisión.

#### PERSPECTIVA HISTORICA

● **Juan Mario Vacchino:** Esquemas latinoamericano de integración: Problemas y desarrollos ● **Joan Clavera:** Historia y contenido del Mercado Unico Europeo.

#### EFFECTOS ECONOMICOS

● **Eduardo Gana Barrientos:** Propuestas para dinamizar la integración ● **Comisión de las Comunidades Europeas:** Una evaluación de los efectos económicos potenciales de la consecución del mercado interior de la Comunidad Europea ● **Alfredo Pastor:** El Mercado Unico Europeo desde la perspectiva española ● **Augusto Mateus:** "1992": A realização do mercado interno e os desafios da construção de um espaço social europeu.

#### LAS RELACIONES CEE-AMERICA LATINA

● **Luciano Berrocal:** Perspectiva 1992: El Mercado Unico Europeo. ¿ Nuevo desafío en las relaciones Europa-América Latina?

#### DOCUMENTACION

● **Reproducción de los textos:** Declaración de Colonia sobre Integración Económica y Social entre la República Argentina y la República Oriental del Uruguay (Colonia, Uruguay, 19 de mayo de 1985) ● Acta para la Integración Argentino-Brasileña (Buenos Aires, 29 de julio de 1986) ● Acuerdo Parcial de Complementación Económica entre la República Argentina y la República Federativa do Brasil (Brasília, 10 de diciembre de 1986) ● **Reproducción del texto:** Acta Unica Europea (Luxemburgo, 17 de febrero de 1986, y La Haya, 28 de febrero de 1986) ● **Sara Gonzalez:** Orientación bibliográfica sobre nuevos procesos de integración en América Latina y Europa: 1985-1988.

#### Y LAS SECCIONES FIJAS DE

● **Reseñas Temáticas:** Examen y comentarios – realizados por personalidades y especialistas de los temas en cuestión – de un conjunto de artículos significativos publicados recientemente en los distintos países del área iberoamericana sobre un mismo tema.

– Suscripción por cuatro números: España y Portugal, 5.300 pesetas; Europa, 45 dólares; América Latina, 40 dólares y resto del mundo, 50 dólares.

Instituto de Cooperación Iberoamericana  
Revista Pensamiento Iberoamericano  
Avenida de los Reyes Católicos, 4  
28040 Madrid  
Teléfono: 244 06 00 (Ext. 300)  
Télex: 412 134 CIBC E

# REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA 17

## FAMÍLIA E GRUPOS DE CONVÍVIO

### **Apresentação / Presentation**

- A História da Família no Brasil. 7  
The History of the Family in Brazil.  
*Eni de Mesquita Samara.*

### **Artigos / Articles**

- A Família na Sociedade Brasileira: Parentesco, Clientelismo e Estrutura Social (São Paulo, 1700-1980). 37  
The Family in Brazilian Society: Kinship, Clientage and Social Structure (São Paulo, 1700-1980).  
*Elizabeth Anne Kuznesof.*
- Famílias Proprietárias e Estratégias de Poder Local no Século Passado. 65  
Landowning Families and Strategies of Local Power in the Nineteenth Century.  
*Flávia Arlanch Martins de Oliveira.*
- Dotes Paulistas: Composição e Transformações (1600-1870). 87  
Change in the composition of paulista dowries.  
*Muriel Nazzari.*
- Herança e Relações Familiares: Os pretos Forros nas Minas Gerais do Século XVIII. 101  
Inheritance and Family Relations: Emancipated Blacks in Minas Gerais in the Eighteenth Century.  
*Ida Lewkowicz.*
- As Crianças da Petite-Roquette. 115  
The Children of Petite-Roquette.  
*Michelle Perrot.*
- Por Debaixo dos Panos – A Máquina Policial e o Problema da Infância Desvalida na Cidade de São Paulo (1910-1930). 129  
The Police Machine and the Problem of Abandoned Children in the City of São Paulo (1910-1930).  
*Luiz Roberto Netto.*
- Mulheres e Famílias. 143  
Women and Families.  
*Miriam Moreira L. Leite.*
- A Família Rememorada. Representações do Grupo Familiar em Memórias de Militantes Comunistas. 179  
The Family Remembered: Representations of the Family Group in the Memories of Communist Militants.  
*Inês da Conceição Inácio.*
- Os Manuais Portugueses de Casamento dos Séculos XVI e XVII. 191  
Portuguese Marriage Manuals of the Sixteenth and Seventeenth Centuries.  
*Angela Mendes de Almeida.*

### **Resenhas / Book Review.**

### **Noticiário / Newsletter.**

## SEJÁ ASSINANTE DA REE

Você receberá comodamente a Revista Estudos Econômicos em sua residência ou local de trabalho e estará acompanhando de perto o debate econômico da atualidade.

### Preencha este cupom

Desejo ASSINAR  a REE ou RENOVAR  minha assinatura por 1 ano (3 exemplares mais um número especial ao preço de 13,20 BTN.

Nome completo, ou Instituição (sem abreviar) \_\_\_\_\_

Endereço para correspondência \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

Junto com este pedido estou remetendo o cheque nº \_\_\_\_\_ do Banco nº \_\_\_\_\_ em favor da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas no valor de NCz\$ \_\_\_\_\_.

### MUDANÇA DE ENDEREÇO

Se você está mudando seu endereço para remessa da REE comunique-nos o mais breve possível. Envie-nos este cupom com os dados de seu antigo e novo endereço.

NOME (sem abreviar) \_\_\_\_\_

ANTIGO ENDEREÇO \_\_\_\_\_

Cx. Postal \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

NOVO ENDEREÇO \_\_\_\_\_

Cx. Postal \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

**Remeta este cupom, anexando cheque nominal em favor da FUNDAÇÃO  
INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, em envelope endereçado à FIPE  
– Departamento de Publicações Caixa Postal – 05499 – São Paulo – SP**

---

**Remeta este cupom à FIPE – Departamento de Publicações Caixa  
Postal 11.474 – 05499 – São Paulo – SP**